

precedido por um estudo historico e critico. Quando a politica veio roubá-lo ao amor dos antepassados «para o entregar ao odio dos contemporaneos,» segundo dizia, já tinha tirado *manu propria* copia esmerada, com todo o rigor philologico, affastando-se do original unicamente em resolver as abreviaturas e regular a punctuação (1).

Pela minha parte, cotejei essa copia com o original, estudando com cuidado peculiar as pouquissimas palavras que lia de maneira diversa, e que por tanto podiam suscitar duvidas e controversias (2), satisfeita quando vi applaudidas todas as minhas leituras e interpretações pelo meu amavel amphitryão. Foi essa mesma copia que serviu agora na typographia. As modernizações a que procedi, consistem exclusivamente na introdução de alguns *pontos de exclamação*, e de longe em longe *ponto e virgula*, onde me pareceu de vantagem para a comprehensão do texto. Com fim igual emprego inicial maiuscula nos nomes proprios.

Penso que mal restarão ahi escuridões para quem não fôr inteiramente hospede na linguagem alatinada dos prosadores e poetas quatrocentistas, conhecendo as obras de Juan de Mena, do Marques de Santillana, Gomes Manrique, Lucena e Juan Rodrigues del Padron, ou se houver occupado com as outras composições do Condestavel.

Ja fallei da copia que encontrei na Bibliotheca da Ajuda, ainda antes de conhecer o original (3). E' prova de que foi

(1) No original empregou-se um unico signal de punctuação, substituido por F. Palha por ponto final, sempre que seguia maiuscula, por virgula no caso contrario, e por um ponto de interrogação, onde o sentido o exigia.

(2) Mencionarei dois exemplos. A f. 23 substitui *desea* por *dexa* e a f. 21 v. onde li: *En esto estando..... ahe-vos do vino*. Este archaico *ahe* por *eis* é pouco conhecido.

(3) Está num volume com uma tradução manuelina de Pomponio Mela: *Lla geografia j cosmografia de pomponio mela cosmografo, pasada de latin en romance por maestro Joan Faras bachiller e artes e em medeçina fisico j sororgiano del muy alto Rey de Purtugall Don Manuell*. — Julgo-a inedita.

realmente tresladado sobre o nosso codice, o erro na data, que repete; assim como outros lapsos diversos (1). O anonymo Português ao qual a devemos, trabalhou cuidadosamente. Mas pouco practico no seu officio, ou pelo menos franco conhecedor do castelhana, crivou o texto de lusismos, escrevendo constantemente *mim* por *mi*, *assim* por *así*, *divida* por *debda*, *linhage* por *linaje*, *vezinho* por *vecino*, *levar* por *llevar*, *prazer*, *octavo*, *seitimo*, etc. As numerosas variantes que resultaram d'este proceder, são meras deturpações lingüisticas e orthographicas, ou em outros casos, erros de leitura que não merecem ser registados (2). Ainda assim obtive una copia diplomatica, tirada a meu pedido por um diligente empregado d'aquelle estabelecimento, ao qual os letrados portuguezes devem valiosos serviços.

Os lusismos do proprio Condestavel, ou do seu escrevente, são pouco numerosos (3). Durante o settennio do seu exilio tivera ocio sufficiente para aprofundar os seus conhecimentos da lingua castelhana.

## V

## OPINIÕES ENUNCIADAS

## A RESPEITO DA «TRAGEDIA»

Nos artigos de Fernando Palha sobre a *Tragedia* affirmase que *nunca ninguem deva noticia da sua existencia*. Só accrescentando: *em impressos portuguezes é que a asseveração sahe veridica*.

(1) O segundo engano: *Prosa Novena* por *Oitava* não foi repetido.

(2) A f. 14 v. na *Prosa segunda* encontro *rodante* por *volante*; a f. 38 v. *marinos* por *maritimos*.

(3) A f. 67 temos p. ex. a rima *muerte conorte* e *conorte*, *forte*, *morte*, *sorte*, no Metro 4.<sup>o</sup> *Tiniebras* (f. 77 v.) é castelhana archaico.

Já alludi a dois sabios que se occuparam d'ella com justos louvores. Ambos desconheciam a *Satyra*, cuja existencia foi revelada muito mais tarde por Amador de los Rios. E ambos attribuiam as *Coplas do Menosprezo do Mundo* ao Regente, illudidos pela inexactidão de Garcia de Resende como todos nós, até que D. José Maria Octavio de Toledo as restituiu ao seu verdadeiro auctor (1). E' o primeiro o erudito e fertil Antonio Ribeiro dos Santos, fallecido em 1818 como Bibliothecario-mór da livraria de Lisboa, auctor de uma importante memoria *Das origens e progressos da poesia portugüesa*, que ficou inedita (2). Pouquissimos curiosos a leram por tanto. No capitulo IV: *Da poesia portugüesa no sec. xv*, trata primeiro do Infante como supposto auctor das *Coplas* e, num paragrapho digressivo, da *Tragedia* do Condestavel, dando amostras dos versos. Transcrevo-o no fim d'este capitulo, sem acentuar os varios erros que contém, porque o leitor d'este ensaio os corrigirá facilmente.

Pouco depois um Allemão intelligente e consciencioso, dos poucos que investigaram as origens da lyrica portuguesa, e que deu ainda a conhecer lá fóra amostras da poesia popular d'esta nação, Christian Friedrich Bellermann, aproveitou, durante a sua estada em Lisboa (1818-1825), os manuscriptos de Ribeiro dos Santos, recorrendo em seguida directamente ao original (3). Não traduziu nem transcreveu trecho algum, certamente por não querer engastar textos castelhanos num escripto dedicado á litteratura portugüesa. Em compensação, dá alguns leves traços biographicos do auctor, e uma curta mas bem feita analyse da *Tragedia*, caracterizando o assumpto, o andamento e o valor philosophico dos conceitos do Condestavel.

(1) *Rev. Occidental*, 1.º anno (1875), tomo II, p. 295.

(2) Bibl. Nac. de Lisboa, vol. XIX, das *Obras manuscriptas* de Ribeiro dos Santos.

(3) *Die alten Liederbücher der Portugiesen*, Berlin, 1840, p. 29-31, e nota 28 a p. 50.

Para os peninsulares as paginas de Bellermann ficaram lettra morta—facto que o illustre historiador da lyrica castelhana não censura, mas simula cortêsmente estranhar—(1). Poderiam tê-las conhecido, pelo menos, por allusões de A. Morel-Fatio, que as citou ao dar conta (em 1882) do solido e interessante trabalho historico de Balaguer y Merino (2).

Th. Braga teve apenas vaga noticia do achado de *uma obra inedita* do Condestavel, ao redigir em 1885 o seu *Curso de Litteratura Portugüesa* (3).

No *Manual da Philologia romanica* condensei em duas paginas o meu saber a respeito das suas obras castelhanas e portugüesas, incluindo a *Tragedia* (4). E tendo de fallar do Catalogo de Garcia Peres nos *Annaes Criticos* (5) tornei a demonstrar um ponto que já ficara bem frisado no estudo anterior, á saber: que o filho do vencido de Alfarrobeira foi o primeiro Portugüês bilingüe que se serviu do castelhana em trabalhos litterarios, quando foragido residia em Castela, *mas costreñido de la necesidad que de la voluntad*.

Segue o que diz Ribeiro dos Santos:

«Com a honradissima memoria do Infante D. Pedro de unirse a de seu Filho D. Pedro, IV.º Condestavel de Portugal, Mestre da Ordem de Avis, «a mais formosa e bem proporcionada creatura que então se sabia no mundo,» que foi depois chamado pelos catalães, e proclamado Conde de Barcelona, e Rey de Aragão em 1462 (*sic*). Tratou grandes tratos e amizades com pessoas de alta jerarquia e de bom saber, sendo hum delles o famoso Dom Iñigo Lopes de Mendoça, primeiro Marquez de Santillana, e Conde del Real de Mazanares, tão luzido nas Bellas Letras como na fidalguia. A este poeta pedio elle com

(1) *Antologia*, VII, p. cxix.

(2) *Romania*, XI, 153.

(3) P. 132, nota 2.

(4) Cf., p. 638, n. 4.

(5) *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, 1890, Bd. I., p. 587-588.

grandes mostras o Cancioneiro de suas trovas, que lho enviou com huma Carta muito erudita (1) com o que mostrou a muita affeição, que tinha aos estudos poeticos, e não só folgava com a leitura de boas trovas mas compoz elle algumas de primor para aquelles tempos (2).

Existe hum formozo codigo MS. de seus versos e prozas, nesta Corte, que vimos e cotejamos, que, posto que seja em Castelhana e não pertença propriamente á lingua e poesia portugueza, com tudo por ser de Portuguez, e se conhecer por elle o genio e gosto do Poeta e ainda por digressão da materia pode ter aqui lugar. He escrito em pergaminho claro com m<sup>to</sup>. aceio, e em caracter gothico ou meio gothico mui limpo e regular, e occupa 80 folhas.

Tem frequentes abbreviaturas, travações e ligados de letras, que são algumas vezes defficeis de ler. Usa só de pontos; o caracter parece ser do mesmo seculo XV (3).

O Prologo na 1.<sup>a</sup> folha tem em roda pelas quatro margens uma cercadura de floreios entrechassados, e de figuras de aves e animaes, e entre ellas em baixo a da fortuna vendada, e sobre uma roda com letra pelas extremas, que não entendo; e do meio do eixo da roda para cima armas Reaes. A cercadura he illuminada de encarnado, azul e verde, e com alguns pequenos dourados: as iniciaes do titulo do Prologo, e as do mesmo Prologo são tambem floreadas e illuminadas da mesma sorte, mas com mais dourado; as de cada prosa e verso tambem o são ou mais ou menos.

Consta esta obra de prosa e verso, e tem por assumpto principal o lamento das desventuras de D. Pedro, e as esperanças e consolações que elle tinha em Deos.

He escrita como já dissemos, em castelhano, dialecto

(1) Vem no principio do 1.<sup>o</sup> tomo da *Collecção dos Poetas Castelhanos*, de Sanches, p. XLVIII; parece que foi escrita entre os annos de 1455 e 1458, em que morreu Santillana. Começa: *En estes dias passados Alvar Gonzales de Alcantara, familiar e servidor de la casa del Señor Infante D. Pedro, muy inclito Duque de Coimbra vuestro Padre, de parte vuestra, Señor, me rogó que los decires e Canciones mias a la vuestra magnificencia.*

(2) A estas poesias parece alludia o Marquez nestas palavras de sua carta: *De lo qual me facen cierto asi vuestras demandas, como algunas gentiles cosas de tales q yo he visto compuestas de la vuestra prudencia.*

(3) Existe na Livraria do Ill.<sup>mo</sup> D. Fernando de Lima.

então muito uzado entre os nossos pela grande cultura, que já tinha; no que seguio o exemplo de seu pai, que muito poetisou naquella lingua.

Esta obra he dirigida a seu irmão Dom Jemes, ou Jaime, Cardeal em Roma do Titulo de Santo Eustathio (1); e porque este foi creado Cardeal em 20 de Fevereiro de 1453 e falleceu em 20 de Agosto de 1459, pode assentar-se que esta obra fora concluida entre os ditos annos de 1453 e 1459 (2).

Damos aqui algumas amostras desta obra *posto que não escrita em Portuguez*, por que se faça conceito de suas poesias, e se orne com ellas a nossa Historia.»

(1) D. Jayme tinha ficado prezion eiro na batalha de Alfarrobeira, em que seu pai acabara seus dias na desgraça; foi posto depois em liberdade, mas receando experimentar alguna afronta ou injustiça passou logo para Flandres, e viveo alguns annos em casa de sua tia a Senhora Infanta D. Izabel, Duqueza Soberana daquelles Estados: foi nomeado por seu tio o Duque de Borgonha Bispo de Arraz, em 21 de Março de 1459 (*sic*), teve tambem a Abbadia de Dunas da Ordem de Cister; foi depois Arcebispo de Lisboa, de que teve sómente a administração por Bulla de Nicolao V passada em 30 de Abril do mesmo anno, por não ter mais que 20 annos de idade (conservava-se no Cartorio do Senado de Lisboa). Passou a Roma aonde Calixto III lhe conferio em Commenda o Bispado de Paphos na Ilha de Chipre em 21 de Março de 1453; e em a sua 1.<sup>a</sup> creação de 20 de Fevereiro de 1456 o creou Cardeal Diacono do Titulo de Santo Eustathio.

(2) Sendo o Cardeal D. Jayme destinado por Pio II seu legado a Latere para o Imperador de Alemanha Frederico II, cazado com a Imperatriz a Senhora D. Leonor sua prima com-irmã, adoeceo em Florença, e querendo antes acabar mais cedo os seus dias, do que manchar a pureza virginal de seu corpo, que só lhe davão por remedio da sua saude, se finou ali aos 20 de Agosto de 1459 de idade de 25 annos, 11 mezes e 10 dias.

Se as Poesias deste Cancioneiro fossem presentes ao erudito Dom Thomaz Antonio Sanches, Bibliotecario de Sua Mag.<sup>de</sup> Catholica, não censuraria no tom. I da sua *Collecção de Poesias Castelhanas* a M. Sarmiento por dizer que o Marquez de Santillana houvera ao Condestavel por excellente poeta, por quanto deste Cancioneiro se ve bem que o foi, e que as palavras do Marquez para elle não erão puramente cortezãs mas verdadeiras e propias de seu real merecimento.»

## VI

## CARACTERIZAÇÃO DA TRAGEDIA

Escolhendó para a sua obra, que no fundo e na essencia é um tratado de philosophia moral, em forma de uma visãõ dantesca, amenizado com lyricas engastadas, o titulo aparentemente pretencioso e improprio de *Tragedia*, o discipulo do Marquês de Santillana, versado na *Divina Commedia* do grande Florentino, tinha os olhos fitos na infantil classificação medieval dos generos literarios, havia pouco exposta aos Hespanhoes pelo seu Mentor litterario, não na nomeada *Carta* sobre as literaturas romanicas (1), remettida no acto de offerecer ao principe portugês o seu Cancioneiro (2), mas numa das composições exemplificadoras nelle contidas, a qual chamou expressivamente *Comedieta de Ponza*:

*Tragedia es aquella que contiene en si caydas de grandes reyes e principes..... cuyos nascimientos e vidas alegremente se comenzaron e grand tiempo se continuaron..... e despues tristemente cayeron* (3).

(1) O *Prohemio e carta que el marques de Santillana envio al condestable de Portugal con las obras suyas* não tem data.—Como todavia ao tempo da redacção o Regente ainda estava vivo, tendo o Condestavel ja composto algumas *cousas gentis*, é forçoso collocá-lo entre 1445 e 1449. Do familiar enviado a Castella, Alvaro Gonçalves d'Alcantara nada sei. Ha um Alvaro Portugues que trocou versos com Gomez Manrique, perto de 1455: mas este *gentil trovador* será o Alvaro de Brito do Cancioneiro de Resende.

(2) O N° 86 da Bibl. do Condestavel é um Cancioneiro de Santillana.

(3) Quanto ao estilo, talvez se lembrasse tambem da definição de Villena: *tragedia es estilo alto superbo que tracta de estorias nobles como batallas de principes, destruyçion de reynos e cibdades*. Já na *Satyra*, sua estreia litteraria, o Condestavel haurira

*Tragedia neste sentido* era realmente o assumpto da obra do Condestavel: o seu pertinaz infortunio pessoal, a desgraça do Infante seu pae e de toda a sua prole, nobilissimos vencidos que a afeição dos posteros cingiu com a aureola de martyres da patria.

De dramatico tem ella pouco mais que o nome. As oito poesias, simples monologos proferidos pelo poeta, que é o actor principal, são na maioria queixas amargas ou explosões violentas da sua dôr, provocadas e rebatidas por outros tantos discursos em prosa, de tres seus interlocutores. Na alternação de umas e outras consiste o dialogo. As passagens narrativas, nas quaes a acção, que é quasi nulla, se vae desenvolvendo, fazem parte (não separada) ora das prosas, ora dos *metros*, como o cultista medieval denomina os seus versos.

Outro nome apropriado da Tragedia teria sido *Auto-Consolatoria*. Ou então podiamos considerá-la como um fragmento de autobiographia psychologica: a exposição das impressões dilacerantes que a noticia da morte da Rainha D. Isabel produziu sobre o desterrado, assim como do processo estoico pelo qual se libertou da sua lastima individual, levantando o vôo até que a vista lhe abrangesse todo o nosso quartispherio e a dôr humana em toda a sua amplitude e transcendencia.

Ingenualmente o auctor confessa como, para achar um lenitivo á sua profunda magoa—o appetecido *solamen miseris*—conversou a sós e longamente com historiographos e philosophos christãos. E afinal, inspirando-se no *Livro de Job*, na *Consolação de Boecio*, nos tratados moraes de *Seneca*, nos *Casos de homens illustres e de mulheres precla-*

nas mesmas fontes, fiel ás palavras de Santillana (ed. A. de los Rios, p. 94): *Satyra es aquella manera de fablar que tovo un poeta que se llamó Sátyro el qual reprendió muy mucho los vicçios e loó las virtudes*; ou as de Villena: *Satira es estilo mediano; tracta de virtudes e vicçios*. Sobre Tragedias e Comedias medievas em metro epico é util consultar W. Cloetta: *Komödie und Tragödie im Mittelalter*, 1890.

ras (1), reflectindo sobre os revêses que abateram a sua família das sūmmidades onde pairara, e sobre a sorte de outros soberanos e magnates, e vasando toda a amargura da sua alma atribulada, ora em endechas sentidas, ora em jaculatorias e maldições impetuosas, chega a um estado de resignação ethica, em que, sem se importar com as exigencias impostas pelo titulo *Tragedia*, acaba *bienaventuradamente* a sua obra.

\*  
\*  
\*

Eis um curto elencho do conteudo.

**Metro I:** 7 *Novenas de arte maior* (ABABABABA).—*Introdução*. Mandando aos seus olhos interrompessem o chôro, á lingua que se calle, á mão que segure com firmeza a penna, requer á volante fama propague a sua triste historia (1-2).—*Invoca* o Omnipotente, implorando socorro na sua afflicção (3).—Dirigindo-se aos mortaes, conta como em sonhos febris tivera *visões*, e como, de dia, claros e typicos signaes lhe presagiaram a desgraça que o ameaçava (4-7).

**Prosa I.**—Uma noite de inverno, regressando de um passeio pelos campos, vê vir ao seu encontro, um mensageiro, alvoroçado e como louco.—Discurso d'este, que o prepara a novos golpes da fortuna, lembrando-lhe a sorte infausta do progenitor e as vicissitudes de outros varões, precipitados das culminancias do poder aos abysmos da desgraça.

**Metro II:** 1 *Novena*.—Cheio de angustia, o Condestavel quer inteirar-se da verdade.

(1) Todos estes volumes figuram na livraria do Condestavel. Boecio em latim (84) e castelhana (39). Boccaccio, *De Casibus virorum illustrium et præclaris mulieribus*, numa versão peninsular (92). Talvez naquella que D. Alonso de Cartagena redigira durante a sua embaixada á corte de Portugal?

**Prosa II.**—O mensageiro participa-lhe a morte da Rainha.

**Metro III:** 1 *Novena*.—Espanto do poeta, que se nega a dar fé a nova tão inesperada.

**Prosa III.**—Um segundo nuncio sobrevém e confirma a triste novidade, dando pormenores sobre o lugar do fallecimento (Evora), o lucto da nação, as solemnes exequias em S. Maria da Victoria, no Pantheon da casa de Avis.

**Metro IV:** 12 *Novenas*.—Sem sentidos durante algum tempo—*como estatua que algo no siente*—o Poeta convence-se, acordando, da realidade da sua miseria, vendo lacrymosos os companheiros. Desesperado, sentindo a tendencia impulsiva de pôr mão em si proprio, arranca o cabelo, destroça o vestido e rompe afinal num chôro convulso, maldizendo, em versos impetuosissimos, o mundo e seus fallazes esplendores:

Chegado a este auge do frenesi, insensato e culpavel, a peripecia começa, e com ella a segunda e principal parte da obra: a *Consolatoria*, ou seja um sermão funebre *Da vida e da morte* ou *Da vaidade das cousas mundanas*, dividido em cinco capitulos (as **Prosas IV a VIII**).

O tempo principia a exercer, lenta e suave, mas efficamente, a sua acção conciliadora. A reflexão mitiga a dôr. Figurado por um semi-deus venerando, em roupagens roçagantes, a frente coroada de louros immarcesciveis, tres pomos symbolicos na mão direita, o velho Chronos aproxima-se do infeliz. E discursa longa..... longamente.

Em grave e philosophica meditação expõe verdades eternas e sublimes sobre o *nirvãna* dos bens terrestres, a brevidade da vida em comparação com a eternidade. Distrahindo o atormentado mancebo da observação mesquinha da sua sina individual, demostra a universalidade da dôr, chamando a morte patrimonio commum do genero humano, e feliz e querido de Deus a quem morre cedo. Exige do varão forte, resignação submissa á vontade de Deus.

Está claro que não se esquece de exemplificar abundan-

temente, resuscitando em quadros ligeiramente esboçados, todas as notabilidades historicas, da antiguidade e da idade media que a tradição transformara em typos, e já então eram allegadas por escriptores cultos como Santillana, Mena, os Manriques, Villena, Padron, Lucena. Também não é parco de sentenças classicas e versos biblicos.—Um *Recuerde el alma dormida!* em prosa poetica.

Nos topicos, nas ideias, nos dictos, nas comparações ha pouca ou nenhuma novidade. O que dá todavia uma nota particularmente viva e realista a tantos lugares communs ethicos, já revolvidos através de seculos por moralistas e poetas de inspiração religiosa; o que provoca sincera sympathia e entenece; o que dá ao mesmo tempo á *Tragedia* um não desprezível valor historico, é a insistencia com que o filho do Regente falla dos seus, citando factos e glorificando principalmente, num profundo sentimento de amor e piedade filial, o *príncipe no mundo raro, tratado ás escuras mal* (1), o que fôra victima do injusto e cruel odio de *Alfarrobeira* e contra o qual *se quebraram sangue e leys* (2). E isso muito discretamente, sem accusar mesmo veladamente o vencedor; sem dar credito á tradição calumniadora de envenenamentos; sem enunciar desejo algum de vingança, nem dirigir improperios contra os inimigos do Regente, que impellidos por invejas, ciumes e cobiças tinham inventado vilanias, tornando suspeito ao inexperiente soberano o que fôra seu pae e tutor, e governador zelosissimo dos seus reinos durante um decennio, armando por fim a cilada em que cahiu, infamado como rebelde ambicioso (3).

(1) Sá de Miranda, *Carta a el Rey*, v. 213 e 203.

(2) Ferreira, *Epitaphio* 3 e 4.

(3) A nação portuguesa dedicou um verdadeiro culto á memoria do Infante, muito antes de o famoso Auto ter popularizado o heroe das *Sette Partidas*, e em sentido muito mais nobre—culto de que ha provas continuas até 1640 nas obras dos historiadores e dos poetas.—O primeiro a insurgir-se contra essa glorificação ou seja contra «o tyrannico dominio da lenda» foi Gaspar Dias de Landim «homem todo dedicado aos Braganças» numa *Chronica*

Mas continuemos com a exposição, reservando para outro capitulo as notas historicas, espalhadas pela obra do Condestavel.

O discurso do Velho é interrompido cinco vezes pelo seu unico ouvinte, o qual se submete e conforma pouco a pouco. Primeiro desculpa a sua dôr, mostrando que derramar lagrimas é tambem apanagio commum do miserrimo genero humano, a que o proprio filho de Deus não se subtrahiu (Metro V). Depois insiste teimoso em maldizer a sua sorte, recusando o remedio amargo destinado a trazer-lhe saude e vida, embora reconheça a verdade da argumentação do veneravel interlocutor. O proposito de apoucar as suas penas irrita-o. Acha intoleravel a vida prolongada em triste solidão e terra estrangeira, sem ter na patria quem advogue a sua causa. Prefere a morte e por ella clama (Metro VI). A final, persuadido, aceita os conselhos e consolos irrespondiveis do tempo (Metro VII), resignando-se christanmente, posto que não comprehenda como possa achar a via do vero prazer, vivendo ledo e satisfeito no exilio, sem lar, sem familia, e desherdado (Metro VIII).

Nesta segunda parte, o poeta tentou uma verdadeira novidade. Favorecendo os versos menores, mesmo em trechos que exigem estilo alto e soberbo, varia romanticamente as formas metricas, de duas em duas estrophes, para assim caracterizar os diferentes estados de alma por que ia passando.

**Metro V:** 6 coplas em versos de 6 syllabas:

ABABDDCD (2); ABCABCDEFDEF (2); ABBACDDC (2).

**Metro VI:** 16 estancias de extensão diversa, em versos de 6 syllabas, misturados de *quebrados*. Marco estos últimos com asteriscos:

*do Infante D. Pedro*, inedita até 1893. (V. *Bibl. de Classicos Portuguezes*, vol. VI.)

ABABCDDC (2); ABBAABCBC (2); ABBAACCA (2),  
 \* \* \*  
 ABABCDDC (2); ABCABCDEDE (2); ABABCDDC (2);  
 \* \* \*  
 ABBAACDDC (2), ABBAACDDC (2).  
 \*\* \* \* \*

**Metro VII:** 1 estancia em Septenarios: ABABACDDCD.

**Metro VIII:** 4 Oitavas de arte mayor, com um verso quebrado de 5 syllabas: ABBAACCA; 4 estrophes em Septenarios: ABBACDDA; 4 de 5 syllabas, misturados de quebrados, de apenas 3: ABBAACCA.  
 \* \* \*

Quanto á execução e ao valor poetico, a *Tragedia* parece-me superior ás outras composições do Condestavel, principalmente á *Satyra*, tratada, não sem justos motivos, pelo critico castelhano de «empalagosa.» O homem de trinta annos ainda considera, tal qual o mancebo de dez-oito, o saber e o estudo como o nervo da poesia. Não resiste ao prurido de fazer alarde de seus extensos conhecimentos de mythologia classica, philosophia moral, historia sagrada e profana. Mas ja se não compraz em sobrecarregar os seus textos de indigestas referencias didacticas; nem, felizmente, em glosar o sentido litteral e allegorico de vagas allusões e obscuras lembranças. Eximindo com prudencia a parte poetica de nomes e ornatos historicos, exemplifica apenas na prosa, e ahi mesmo dá prova de como assimilou a materia erudita, narrando em forma succinta e amena. Na redacção segue, como d'antes, a corrente latinista, mas ja não decalca servilmente os periodos dos seus modelos, nem abusa demasiado do hyperbaton. Phrases requintadas em estylo precioso, como *embeverar la pendola en la negra agua* ja não occorrem; nem tão pouco formulas muito repetidas na *Satyra* e no *Poema como o feminil linage a quien yo tanto soy tenuto e loar devo*. Confesso que não desgosto da sua rhetorica commoda e que os versos me parecem muito apraziveis. As estrophes de maldição p. ex. são de um vigor notavel, e ao mesmo tempo de grande agilidade (IV). Acho bemfeita a

defesa das lagrimas (V). E não menos a justificação do seu pessimismo (VI).

A concepção geral da vida, que se manifesta em toda a obra, é nobilissima, como em tudo quanto achamos escripto pelos reis, infantes e infantas de Avis.

Em summa, julgo que a *Tragedia* não é indigna de ser comparada ás melhores obras coevas castelhanas que lhe serviram de modelo. A quem leu qualquer dia a *Comedieta de Ponza* que mencionei propositadamente no principio d'este capitulo, escuso revelar que foi essa que deve ter inspirado ao Senhor D. Pedro, 4.º Condestavel de Portugal e mais tarde Rei intruso de Aragão, a primeira ideia para a *Tragedia da insigne Rainha D. Isabel*.

## VII

### DATA DA «TRAGEDIA»

#### E REPATRIAÇÃO DO CONDESTAVEL

E' facil estabelecer com precisão, qual a palavra que devemos supprir no titulo da Carta-dedicatoria, depois de *era milesima quadragesima* (1), como não é difficil provar que a *Tragedia* foi, se não integralmente composta, pelo menos concluida em Portugal. A rainha cuja perda o poeta chora, falleceu a 2 de Dez. de 1455. O cardeal, a quem dirige o seu nobre desabafo consolatorio, expirou a 15 de Abril de 1459. No texto temos, além d'isso, referencias e allusões de sobejo a acontecimentos historicos, occorridos no triennio que medeia entre um e outro infortunio.

(1) Um signal, da mão e letra do calligrapho marca de resto a omissão. Erros do mesmo genero são frequentes.—P. ex. num dos documentos que formam o vol. II da exellente obra de A. Ribeiro de Vasconcellos: *Evolução do culto de D. Isabel de Aragão* (p. 532), falta *septuagesimo*, depois de *quingentesimo*.